



Bibliotecários e jornalistas: Confluências, disjunções?

Osório Santos

Direcção de História e Cultura Militar do Exército Português

osoriosantos121@gmail.com

António Ribeiro

ahribeiro@gmail.com

Resumo

O presente trabalho de investigação explora as relações existentes entre os profissionais de informação e da comunicação, na denominada *sociedade da informação*. Identificam-se e sistematizam-se os conceitos de informação e comunicação dentro do seu campo científico. Evidenciam-se as características da Ciência da Informação e da Ciência da Comunicação, com o intuito de verificar a interdisciplinaridade existente ou não dentro dos seus campos de ação, procedendo à identificação das competências gerais dos bibliotecários e jornalistas. Por conseguinte, procura-se através de um pequeno estudo exploratório demonstrar a existência de confluência ou disjunção dos campos profissionais de bibliotecários e jornalistas.

Palavras-chave: Jornalista; Bibliotecário, Comunicação, Ciência da informação, Ciência da comunicação, Interdisciplinaridade

Abstract

This research explores the relationships of Information and Communication professionals in the so called *information society*. The concepts of information and communication are identified and systematized within their scientific field. Show the characteristics of Information and Communication Science, in order to verify the existence or not of interdisciplinary within their action field, through the identification of the general skills of librarians and journalists. Therefore, looking through a small exploratory study demonstrate the existence of confluence or disjunction in the professional fields of librarians and journalists.

Key-words: Journalist, Librarian, Communication, Information science, Communication science, Interdisciplinarity

Introdução

Numa época profundamente marcada pela crescente velocidade e permanente proliferação da informação, fruto da introdução das tecnologias da informação e comunicação (TIC) em áreas determinantes da sociedade como são a economia, o trabalho, a educação, a cultura ou mesmo as relações humanas, inúmeras classes profissionais confrontam-se com mudanças nos seus papéis tradicionais.

Áreas profissionais como a dos jornalistas e dos bibliotecários são exemplos paradigmáticos desta nova realidade. Ambos trabalham a informação em âmbitos próximos, mas com diferenças assinaláveis. Estes profissionais têm visto os seus campos profissionais sofrer alterações significativas, através da introdução das tecnologias no seu trabalho, nos meios que utilizam para chegar às suas fontes e ao seu auditório em concreto e, sobretudo, no exponencial crescimento dos fluxos de informação.

A Era da Informação na denominada *sociedade em rede* (Castells, 2002) gera uma intrínseca ligação entre as mais diversas ciências. A velocidade, o volume, os conteúdos e a tecnologia associada à explosão da informação, lançam simultaneamente permanentes desafios e novas possibilidades de colaboração entre profissionais da informação e da comunicação.

No campo profissional ocupado pelos jornalistas, e de forma mais lata pelos profissionais da comunicação, não haverá por certo uma corrente científica como a do teórico da comunicação Marshall McLuhan que em 1962 cunha, entre outros conceitos fundamentais, igualmente discutidos neste artigo, o da *aldeia global* segundo o qual todos estariam ligados através da tecnologia e o progresso tecnológico levaria a uma situação em que o mundo estaria conectado, tal como se verifica na vida de uma aldeia.

Partindo do princípio de que as actividades associadas à informação têm uma matriz claramente multidisciplinar, as barreiras entre as diferentes ciências que trabalham a informação, aliadas aos desafios e exigências do mercado e economia no contexto da globalização, tendem inevitavelmente a esbater-se.

Borko (1968), no texto fundador do conceito de Ciência da Informação, define-a numa perspectiva ampla, como uma disciplina preocupada com todas as formas de tratamento e gestão da informação, tais como a origem, a organização, mas também a transmissão da informação. Deste modo, parece evidente a existência de uma interdisciplinaridade entre a Informação e a Comunicação.

Por conseguinte, formula-se a pergunta de partida: O papel dos jornalistas e bibliotecários: confluências e disjunções? Pretende-se verificar as mudanças reais dos papéis

de jornalistas e dos bibliotecários. O que têm em comum? O que os separa? Efectivamente procura explorar-se a interdisciplinaridade e a colaboração efectiva entre estes «agentes da informação» e em que medida esta sinergia pode contribuir para um melhor desempenho de ambos os agentes ou como pode favorecer os seus públicos.

Tendo como base o acompanhamento de grupos de trabalho internacionais¹, de artigos científicos e conferências dedicadas a esta matéria, aspira-se problematizar os campos de acção, as colaborações e os obstáculos com que se deparam os profissionais da informação e da comunicação na sua interacção profissional.

Revisão da literatura

A Ciência da Informação descrita por Borko (1968) deriva de uma síntese de três conceitos apresentados por Robert S. Taylor no seu artigo *“Professional Aspects of Information Science and Technology”*. Borko caracteriza a Ciência da Informação como uma ciência interdisciplinar que se dedica à investigação das propriedades e do comportamento da informação, num quadro que exige a compreensão do uso e dos fluxos da informação, bem como o seu processamento, armazenamento e disseminação. O autor refere como objectivo essencial da Ciência da Informação, o fornecimento de conteúdo informacional às diferentes instituições que intervêm na área do conhecimento, quer ao nível da acumulação quer ao nível da transmissão. O paradigma subjacente à definição de Borko obteve bastante consenso na comunidade científica nas últimas décadas.

O conceito de Borko relativamente à Ciência da Informação é abordado por Tefko Saracevic num contexto diferente, na medida em que este autor distingue a Ciência da Informação, interdisciplinar por natureza, da biblioteconomia. Esta distinção é essencialmente tecnológica, colocando a biblioteconomia numa vertente conservadora, cultural, historicista, mas de interdisciplinaridade com a Ciência da Informação. Na sua abordagem à interdisciplinaridade entre as Ciências da Informação e da Comunicação, Saracevic (1995), no seu artigo *“Interdisciplinary nature of Information Science”*, salienta que de forma recorrente, as palavras informação e comunicação geram permanentemente confusão quanto ao seu significado. O autor define a informação como um fenómeno, e a comunicação como modo de transferência e partilha desse fenómeno. O conceito de Saracevic para a Ciência da Informação encontra suporte na definição de que a Ciência da Informação “... é interdisciplinar por natureza e orientada ao problema da transferência [...] a C.I reforça suas relações interdisciplinares com disciplinas como a comunicação...” (Wersig apud Silva, 2002, p.62). ²

Assumindo a existência efectiva de interdisciplinaridade entre as ciências da Informação e da Comunicação, tendo em vista a preservação da sua identidade e o estabelecimento de relações com outras ciências, Bates (1999), num trabalho de investigação epistemológica, fundamenta e identifica um campo ou meta-campo (*meta-*

field) de acção/interacção das ciências supracitadas. A definição dos campos de acção e da área de intervenção das ciências da Informação e da Comunicação, enquanto disciplinas, apresentam na perspectiva de Bates (1999) um novo paradigma que designa por “*Paradigm Below the Water Line*”. Este paradigma procura posicionar e definir a Ciência da Informação e a Ciência da Comunicação como meta-ciências. A autora, na linha de pensamento anglo-saxónica, aponta para a distinção da Ciência da Informação mas também da Comunicação relativamente a disciplinas convencionais, na forma como os seus campos *metacientíficos* atravessam de forma transversal os campos de conhecimento das disciplinas denominadas convencionais. Esta distinção baseia-se no interesse e área de intervenção que as Ciências da Informação e da Comunicação têm no objecto de estudo e respectivo conteúdo das disciplinas ditas convencionais, e que apresentam valor, contributo, mas sobretudo conhecimento para a sociedade. A autora clarifica e distingue diferentes domínios na área da informação e da comunicação, posicionando a Ciência da Informação num campo universal onde a informação é registada, seleccionada e armazenada para posterior acesso, enquanto Ciência da Comunicação materializa a sua área de intervenção na produção de conteúdos de interesse jornalístico.

Sob perspectiva diferente, Bazi (2007) coloca a Ciência da Informação e a Ciência da Comunicação num campo de partilha e de interacção, uma vez que ambas as Ciências possuem como objecto de estudo a «informação» e têm como elemento final do processo informativo/comunicativo, um receptor. Contudo, a Informação enquanto Ciência, opera essencialmente ao nível do conteúdo da informação e do seu processo de construção, organização e processamento, necessitando para o efeito um canal, enquanto a Comunicação reescreve e utiliza *mensagens*. O meio como são transmitidas estas mensagens é questão central do conceito definido por McLuhan em 1964 “*The Medium is the Message*”, que ao contrário dos seus antecessores, que concebiam o meio somente como veículo, defende que uma mensagem, dependendo do meio pelo qual é transmitida, pode produzir diferentes efeitos no receptor, podendo também apelar a diferentes dispositivos de percepção e com isto ganhar novos significados (Pombo, 1994). Nesta perspectiva a produção das mensagens ou da informação é já muitas vezes condicionada e adequada ao meio pelo qual estas vão ser veiculadas. Um exemplo muito claro desta realidade verifica-se nas edições em linha de jornais, em contraponto com as edições impressas. Regra geral, para as edições em linha produzem-se conteúdos mais breves, menos cuidados em termos de estilo, para rápido «consumo», ao invés que nas edições impressas se verifica que as peças jornalísticas são mais longas, têm um tratamento mais cuidado e são muitas vezes dadas a uma abordagem reflexiva, de mais lenta «digestão».

O conceito de “*Global Village*”, de McLuhan, divulgado na sua obra “*The Gutenberg Galaxy: the making of typographic man*” caracteriza o mundo contraído à dimensão de uma aldeia, no qual seria possível ao mesmo tempo a movimentação imediata e instantânea de informação de todos os locais para cada ponto (McLuhan, 1971). Com a concretização desta

teoria materializada sobretudo pela globalização e pela Internet, os papéis tradicionais de jornalistas e bibliotecários são aparentemente postos em causa, através do acesso generalizado à informação por meio de motores de busca cada vez mais avançados, aliado à possibilidade de todos publicarem conteúdos para auditórios potencialmente vastos. Ora, se a crescente profusão de informação na «aldeia global» parece constituir uma ameaça às funções de ambos os profissionais, por outro lado torna cada vez mais emergentes muitas das suas valências, no que diz respeito tanto à selecção, avaliação, catalogação da informação, como à publicação de conteúdos com a verificação das fontes e validação da informação.

Atendendo às considerações de McLhuan, jornalistas e bibliotecários encontram-se juntos na necessidade de uma maior flexibilidade e adaptação das suas competências tradicionais face aos crescentes desafios colocados pelo desenvolvimento tecnológico. O conhecimento nos dias que decorrem não se adquire de uma forma linear. O conhecimento concretiza-se através do recurso a numerosas fontes, que se acrescentam umas às outras de forma bastante aleatória. O que daqui decorre é serem exigidas quer a bibliotecários, quer a jornalistas, novas competências e diferentes formas de organizar os serviços (Jones, 2011).

Aos jornalistas são exigidas cada vez mais, competências que concorrem com a especialização dos bibliotecários, verifica-se uma crescente necessidade de entendimento relativamente aos métodos de trabalho dos documentalistas. Aos bibliotecários, semelhantes desafios, como a capacidade de explicar aos jornalistas as suas competências profissionais tradicionais. Com esta permanente interação torna-se possível em conjunto a execução de um trabalho qualitativamente melhor que possa fazer parte de um novo e mais competente modelo informativo (Partal, 2002).

A *World Wide Web* e os conteúdos digitais intervêm de forma objectiva no trabalho de bibliotecários e jornalistas. A digitalização das colecções e a difusão de conteúdos informativos na Internet, tem vindo a tornar os jornalistas cada vez mais autónomos em relação aos bibliotecários e documentalistas em geral. Todavia, na óptica do trabalho colaborativo, esta autonomia aliada à diminuição dos pedidos de informação deixa aos bibliotecários mais tempo para o desempenho de algumas tarefas mais clássicas, como análise documental mais pormenorizada com a intenção de facilitar a recuperação de informação jornalística, ou até desempenhar funções jornalísticas, como alinhar grandes peças com informação de várias fontes (Micó-Sanz; Masip-Masip; Garcia-Avillés, 2009). O *documentalista* (definição espanhola do profissional da informação) do presente não deve possuir apenas formação em bibliotecas, arquivos ou centros de documentação. Este profissional terá de alargar o círculo dos seus conhecimentos, preparando-se para ser um gestor de informação e de conteúdos. Neste sentido, bibliotecários e jornalistas devem aceitar e favorecer a cooperação mútua. Ao jornalista será necessário conhecer, valorizar e adoptar as práticas profissionais dos bibliotecários e documentalistas devido às exigências

dos nossos dias. Por outro lado, caberá aos bibliotecários conhecer em profundidade as necessidades dos jornalistas e ceder-lhe a informação necessária à realização do trabalho jornalístico (Baranda del Campo, 2012).

Na sociedade da informação actual, e com o incremento exponencial de conteúdos informativos, o referencial de competências de bibliotecários e jornalistas tem vindo a sofrer readaptações de acordo com o ambiente tecnológico e informacional. Em 2008 a American Library Association (ALA) produziu um documento que define o núcleo de competências que os bibliotecários deverão possuir no exercício da sua função, destacando um conjunto de conhecimentos especializados em várias temáticas. Versam nesse documento o conhecimento da componente institucional da profissão, nomeadamente a questão dos valores, da ética, e dos princípios da profissão. Destacam-se competências na área da gestão de colecções (selecção, aquisição, avaliação e desbaste), na organização da informação (classificação, indexação, catalogação) bem como competências no domínio das tecnologias e na área da pesquisa da informação. Por último competências em administração e governança, com foco nas partes interessadas e eventuais parcerias (ALA, 2009).

No que concerne aos jornalistas, também estes profissionais têm vindo a adaptar os seus referenciais e competências, fruto das exigências que decorrem da diversificação, massificação e velocidade da informação. O jornalismo em linha tem vindo a determinar novas competências no domínio das tecnologias da informação, contudo, tradicionalmente o núcleo de competências de um jornalista traduz-se no domínio da selecção, pesquisa, escrita e edição, transformando informação em notícia. Os profissionais jornalistas são definidos na Comissão da Carteira Profissional do Jornalista como

“aqueles que exercem funções de pesquisa, recolha, selecção e tratamento de factos [...] destinados a divulgação informativa pela imprensa, por agência noticiosa, pela rádio, pela televisão ou por outra forma de difusão electrónica.”³

Estas características e referenciais de competências, demonstram que existem elementos e processos comuns entre jornalistas e bibliotecários, na medida em que a liberdade de acesso à informação e a luta contra qualquer forma de censura, são elementos comuns da sua deontologia e dos seus códigos de ética.

Material, fontes de informação e métodos

A construção do presente trabalho de investigação teve início com a pergunta de partida: O papel dos bibliotecários e jornalistas: confluências e disjunções? e conseqüente abordagem às leituras exploratórias, procurando identificar e sistematizar através da interpretação de textos teóricos de referência, o conceito de informação e comunicação dentro do seu campo científico, bem como o núcleo de competências de bibliotecários e jornalistas.

A problemática inicia-se com a elaboração de uma grelha de leituras com base nos textos teóricos, que permite conceptualizar os conceitos de Ciência da Informação e Ciência da Comunicação e conseqüentemente o conceito de interdisciplinaridade. Simultaneamente, através do estudo de outros textos procura-se igualmente enfatizar o contexto de revolução tecnológica como pano de fundo da problemática escolhida. Este contexto é encarado como uma realidade que põe em causa alguns dos fundamentos basilares das duas actividades (bibliotecários e jornalistas), mas que potencialmente pode favorecer a aproximação das relações profissionais de jornalistas e bibliotecários. Por fim, no que às leituras exploratórias diz respeito, versam-se conceitos como interacção, cooperação e partilha entre jornalistas e bibliotecários na tentativa de estabelecer quadros conceptuais baseados em textos recentes, tendo como objecto de estudo o campo comum ocupado por estes profissionais, bem como o respectivo quadro de competências, e os novos desafios que resultam de uma conjuntura marcadamente tecnológica.

Entrevistas

O recurso a entrevistas semiestruturadas e semidirigidas decorre do facto de as leituras, apesar de clarificarem aspectos teóricos determinantes, na medida em que lançam pistas sobre a dimensão pragmática da interacção entre jornalistas e bibliotecários, necessitarem de ser complementadas com dados empíricos do terreno onde os actores principais da problemática operam.

No que concerne à realização das entrevistas, primeiramente e de forma intencional, a escolha recaiu sobre dois jornalistas que desempenham as suas funções em jornais com expressão e abrangência nacionais, embora pertencendo a gerações diferentes. Com esta escolha perspectivava-se a importância de ter os testemunhos tanto de um jornalista que tivesse iniciado a sua carreira num período anterior à revolução tecnológica, como de um outro, mais jovem, que desde o início da sua actividade tivesse desempenhado funções num ambiente marcado pela utilização massiva das tecnologias da informação e comunicação. A estes dois veio juntar-se um jornalista de um jornal regional, na expectativa de que este tenha uma prática distinta dos restantes jornalistas entrevistados na relação com os bibliotecários locais.

Ao mesmo tempo, no que concerne aos bibliotecários a entrevistar decidiu-se escolher um profissional com vasta experiência, que inclusivamente desempenhou cargos de direcção em bibliotecas públicas com depósito legal, e outro com perfil mais técnico, mas igualmente com vasta experiência em bibliotecas públicas.

Assim para a realização das entrevistas foi necessária a elaboração de dois guiões de entrevista com pequenas variações: um destinado a jornalistas e outro a bibliotecários. Os guiões de entrevista encontram-se em apêndice ao presente trabalho.

Síntese das questões colocadas a bibliotecários:

1. Como o bibliotecário avalia a procura de informação por parte dos profissionais da informação, encontrando-se a informação disponível na Internet?
2. Importância do bibliotecário na disponibilização de informação ao jornalista?
3. De que forma as mudanças na sociedade da informação aproximam ou separam bibliotecários e jornalistas?
4. Benefício da existência de grupos de trabalho colaborativo entre bibliotecários e jornalistas.

Síntese das questões colocadas a jornalistas:

1. Porque razão se desloca a bibliotecas na procura de informação?
2. Recorre ao auxílio dos bibliotecários? Em que medida beneficia desse auxílio?
3. Alguma vez por intervenção ou sugestão de um bibliotecário mudou o enfoque da sua investigação?
4. De que forma as mudanças na sociedade da informação aproximam ou separam bibliotecários e jornalistas?
5. Benefício da existência de grupos de trabalho colaborativo entre bibliotecários e jornalistas?

O guião de entrevista constitui um instrumento fundamental na posterior concepção da entrevista que por sua vez implica uma acção participante, instrumentalizada e intermediada pelos actores implicados. A entrevista é uma técnica que assume enorme importância porque, para além do material para análise que efectivamente produz, permite aos investigadores um contacto com a realidade, deixando-os sentir o ambiente em que os agentes (bibliotecários e jornalistas) desenvolvem as actividades que se procuram discutir com este trabalho.

Para além da contextualização teórica relacionada com a interdisciplinaridade, interessa aferir no campo das hipóteses, se se verificam as confluências nas actividades de jornalistas e bibliotecários, tal como validar ou negar as disjunções. Interessa igualmente confirmar a predisposição para estes agentes interagirem e cooperarem e avaliar se o contexto da *Sociedade da Informação* favorece a aproximação destes campos profissionais. Por último, pretende-se verificar a importância da criação de grupos de trabalho compostos por jornalistas e bibliotecários com o objectivo de melhorar a sua colaboração

A formulação destas hipóteses caracteriza-se por um tipo de observação assistemática, não estruturada e livre, que parece a mais indicada atendendo ao facto deste trabalho exploratório centrar-se num tema pouco discutido.

Relativamente à forma da abordagem, o método é eminentemente qualitativo visando sobretudo a exploração e problematização da temática de forma aberta, procurando a compreensão do assunto, ao invés de procurar resultados ou conclusões taxativas. A

amostra é reduzida por forma a facilitar a sistematização de conceitos que derivam da análise do discurso.

Quanto ao método de abordagem, a forma de raciocínio é indutiva e alicerçada na análise de discurso.

Análise e discussão dos dados

A análise de resultados é suportada por dois instrumentos de observação: leitura e análise empírica de textos teóricos e entrevistas. Relativamente à análise empírica e concepção teórica do presente trabalho de investigação, importa salientar a concordância generalizada por parte dos autores abordados, em torno do conceito de *interdisciplinaridade* relativamente à Ciência da Informação e à Ciência da Comunicação, apesar da reflexão ligeiramente diferente de Tefko Saracevic (1995)⁴. Conceitos como a interacção e cooperação entre os profissionais destas duas áreas são evidenciados e considerados relevantes na comunidade científica, sobretudo por Bazi (2007).⁵ Contudo, verifica-se que a perspectiva de Bates (1999) na identificação de um novo paradigma “*below the water line*” para as ciências da informação e comunicação, é especialmente pertinente. A autora coloca as Ciências da Informação e da Comunicação num plano ortogonal, na medida em que o objecto de estudo destas ciências atravessa o campo de acção das disciplinas ditas convencionais (história, geografia, etc.), contudo distingue diferentes domínios na Informação e na Comunicação⁶.

Nos últimos anos e de forma recorrente grupos de trabalho internacionais sobretudo dos Estados Unidos da América têm vindo a debater e promover a necessidade de interacção e cooperação entre bibliotecários e jornalistas. O conhecimento das necessidades de ambos os profissionais promove a sua aproximação e a valorização do trabalho final direccionado a um público-alvo. As bibliotecas, como grandes repositórios de conteúdos informacionais diversificados assumem neste contexto um papel de mediação fundamental. Esta mediação deve ser projectada para uma interacção entre bibliotecário-jornalista-leitor.

Para além da contextualização teórica relacionada com a interdisciplinaridade, interessa aferir no campo das hipóteses se se verificam as confluências nas actividades de jornalistas e bibliotecários, tal como validar ou negar as disjunções. Interessa igualmente confirmar a predisposição para estes agentes interagirem e cooperarem e avaliar se o contexto da *Sociedade da Informação* favorece a aproximação destes campos profissionais. Por último, pretende-se verificar a importância da criação de grupos de trabalho compostos por jornalistas e bibliotecários com o objectivo de melhorar a sua colaboração.

Análise do discurso dos bibliotecários

Numa primeira análise às entrevistas realizadas aos bibliotecários denota-se um claro pessimismo, embora com diferenças assinaláveis.

O bibliotecário com perfil mais *técnico* classifica de residual a procura de informação por parte de jornalistas na biblioteca onde exerce funções. Considera também que a interacção depende exclusivamente das eventuais solicitações dos jornalistas, desvalorizando a importância da cooperação e não diferenciando os profissionais da comunicação dos restantes utilizadores. Julga igualmente que na *Era Digital* a separação dos campos profissionais é inevitável e até saudável, tecendo severas críticas ao trabalho dos jornalistas na actualidade, que classifica como uma descarga de dados que serve os interesses do poder, ao passo que o trabalho do bibliotecário nas bibliotecas públicas tem como missão a democratização do conhecimento e a formação da cidadania através da promoção da literacia. Por fim, admite que a formação de grupos profissionais compostos por jornalistas e bibliotecários, no âmbito das organizações profissionais, possa fazer sentido para melhorar a sua cooperação, embora esta ideia não se aplique à sua instituição, por se dedicar em primazia à leitura pública.

Este bibliotecário *não refere qualquer confluência, afirmando acima de tudo as disjunções. Nega quase categoricamente a cooperação e aproximação no contexto da Sociedade da Informação*, embora admita a utilidade da formação de grupos profissionais compostos por jornalistas e bibliotecários.

O bibliotecário que desempenhou cargos de *direcção* menciona vários contactos com jornalistas que vêem nas bibliotecas públicas fontes de informação válidas. Reconhece competências comuns a ambos os profissionais, como a organização e a disseminação da informação, contudo pensa que um bibliotecário para ser jornalista necessita de outras competências e o mesmo se aplica aos jornalistas. Verifica a necessidade de os bibliotecários comunicarem melhor, ao mesmo tempo que identifica lacunas nas pesquisas documentais realizadas por profissionais da comunicação, que originam alguma falta de rigor, muitas vezes expressa no trabalho final, o que o faz ver com bons olhos a cooperação entre estes agentes. Admite que os bibliotecários nem sempre executam as suas tarefas com competência e que continuam a ser vistos como os guardiões do conhecimento, imagem essa que, quanto a si, constitui o obstáculo mais frequente à solicitação por parte dos jornalistas. Considera que a sociedade da informação constitui uma ameaça a estas profissões que desta forma se «aproximam na desgraça», e que as tecnologias têm progressivamente levado a uma certa decadência do significado e valor do trabalho e concomitantemente a redução das remunerações de jornalistas e bibliotecários. Conclui com a utilidade da interdisciplinaridade e da formação de grupos de trabalho, embora reconhecendo que a Associação Portuguesa de Bibliotecários Arquivistas e Documentalistas (APBAD) represente uma realidade muito frágil comparativamente com outras organizações

internacionais, nomeadamente a American Library Association (ALA), acabando por voltar a sublinhar os benefícios para os bibliotecários que poderiam advir da formação em comunicação.

Com o seu testemunho este profissional verifica simultaneamente confluências e disjunções entre as actividades de jornalistas e bibliotecários, confirmando contudo a *predisposição para interagirem e cooperarem*. Em relação ao contexto da sociedade da informação considera que as ambas as profissões ficam ameaçadas e não se refere a qualquer aproximação dos respectivos campos profissionais. Afirma a *utilidade da formação dos grupos de trabalho mistos* e sublinha a necessidade de os bibliotecários terem formação em comunicação, o que pode configurar uma nova hipótese a explorar.

Análise do discurso dos jornalistas

Na análise às entrevistas dos jornalistas assinala-se dentro da diversidade de opiniões, um discurso mais optimista em relação ao futuro e às possíveis relações com os bibliotecários.

O primeiro entrevistado com um crédito jornalístico bem firmado, e que exerce a sua actividade há cerca de três décadas em publicações de referência, desloca-se às bibliotecas porque apesar de muita informação se encontrar disponível na internet, grande parte da informação que necessita encontra-se em livros ou em jornais anteriores ao 25 de Abril, e desses só o «Diário de Lisboa» está em formato digital. A versão em linha não dispensa de forma alguma a existência de bibliotecas, e os livros são material essencial para a cultura jornalística. Recorre com frequência aos bibliotecários por considerar uma referência na procura de informação, que caracteriza como uma arte difícil. *Considera os bibliotecários uma peça essencial no trabalho do investigador*. É frequente mudar o enfoque da investigação pela intervenção do bibliotecário que ajuda a corrigir o âmbito da pesquisa. Considera que a tecnologia tem vindo a afastar não só os jornalistas como os restantes clientes das bibliotecas. Existem cada vez mais bibliotecas em linha e na sua opinião a sua riqueza, os livros, deve ser tornada pública. Julga que a profissão de jornalista não se encontra ameaçada. Reflecte que sempre existirão jornais feitos por jornalistas e o seu garante serão os leitores que certamente irão privilegiar os jornalistas que lhe merecem confiança. Infere que todos sairiam a ganhar com a *criação de grupos com elementos das duas profissões e com a eventualidade da criação de associações comuns*. Esse resultado seria certamente positivo e o interesse público sairia a ganhar. Avança com a possibilidade de o jornalista poder actuar como intermediário entre o bibliotecário e o leitor, na rapidez e acessibilidade no trabalho de descodificação de conteúdos informacionais em mensagens jornalísticas. *Este entrevistado confirma a confluência nos papéis de jornalista e bibliotecários e a predisposição para a cooperação e interacção*. Considera que o contexto da *sociedade da informação* afasta não só os jornalistas, como os restantes utilizadores das bibliotecas, no entanto, vê como muito benéfica a criação de grupos de trabalho com

elementos das duas profissões. Como nova hipótese vê a possibilidade de o jornalista ser intermediário entre o bibliotecário e o leitor.

Um outro jornalista entrevistado possui uma carreira profissional com dez anos de experiência em jornais e revistas de referência no panorama nacional. Procura frequentemente o auxílio de bibliotecários na realização de reportagens de fundo ou artigos históricos e refere a importância das bibliotecas devido ao facto de a informação disponível na Internet se encontrar bastante dispersa. Pesquisa a informação nas fontes primárias para dar profundidade aos trabalhos jornalísticos. Afirma que por indicação do bibliotecário já acrescentou bibliografia a trabalhos seus que vieram a revelar factos até então desconhecidos e identifica uma boa formação técnica, sobretudo nos bibliotecários mais jovens. Considera que na *Era Digital* o jornalismo entrou em crise, ainda que nunca como agora se tenha necessitado de profissionais produtores de conteúdo. Reflete acerca da profissão, na medida em que essa se encontra ameaçada pelo baixo grau de exigência solicitado. Vê os bibliotecários como técnicos bastante especializados, com uma cultura de fundo e que disponibilizam fontes de grande valor para o trabalho jornalístico. Parece-lhe que os campos profissionais (informação, comunicação) se aproximam na literacia e poderiam beneficiar da formação de grupos de trabalho compostos por jornalistas e bibliotecários que poderiam proporcionar um «intercâmbio de saberes». Os jornalistas certamente melhorariam a sua capacidade de organização e de recuperação da informação, enquanto que os bibliotecários poderiam melhorar a sua capacidade de comunicação e com isto servir melhor os seus públicos. *O entrevistado valida sobretudo a confluência tal como a predisposição para cooperação e interação.* Sublinha a aproximação dos campos profissionais na literacia do público-alvo, contudo não se refere a este ponto no que diz respeito à *Sociedade da Informação*. Propõe como nova hipótese o intercâmbio de saberes, com os *jornalistas a necessitarem de aprendizagem ao nível da organização e recuperação da informação, e os bibliotecários a melhorarem a sua capacidade de comunicação.*

Relativamente a um outro entrevistado, um jornalista com vasta experiência em jornais regionais, recorre com alguma frequência às bibliotecas públicas por terem um conjunto de material informativo que se consubstancia em fontes fidedignas e que de forma fidedigna pode reportar no seu trabalho de investigação. Beneficia bastante com o auxílio dos bibliotecários, na medida em que mais do que procurar referências bibliográficas, descobre regularmente fontes úteis através da interação estabelecida com o bibliotecário. Tece elogios ao auxílio prestado pelos bibliotecários. Pensa que a Era Digital pode vir a aproximar os campos profissionais e a valorizar a relação com os bibliotecários, apesar de estes já constituírem uma das fontes privilegiadas. Através da utilização das ferramentas tecnológicas os laços existentes entre bibliotecários e jornalistas podem vir a estreitar-se. Considera que *a formação de grupos profissionais pode vir a ser benéfica para a sua profissão*, porque cada vez mais é exigida rapidez aos jornalistas, o que não beneficia a investigação, que poderia ser facilitada com um permanente contacto com um bibliotecário.

O entrevistado *valida a hipótese das confluências e da predisposição para a cooperação e interação*. Confirma igualmente a *utilidade dos grupos de trabalho compostos jornalistas e bibliotecários*. Do mesmo modo acredita que a Era Digital pode promover a valorização e aproximação dos dois grupos profissionais.

Análise global

Utilizando o método de abordagem indutivo e partindo da análise de discurso das entrevistas podemos fazer uma tentativa de validação ou negação das hipóteses. Ora, seguindo esta forma de raciocínio, podemos considerar que a utilidade da **formação de grupos de trabalho** compostos por jornalistas e bibliotecários é uma hipótese validada, na medida em que todos os entrevistados a referem. No que toca à confluência nas actividades de ambos os profissionais e à predisposição para a **interactividade e cooperação** verifica-se que somente um dos entrevistados não a nomeia, logo por indução consideram-se válidas estas hipóteses. Da mesma forma nega-se a hipótese de no contexto da sociedade da informação haver uma aproximação dos campos profissionais, já que só um dos entrevistados crê nessa possibilidade.

Considerações Finais

O presente trabalho de investigação dedicado às possíveis confluências e divergências entre bibliotecários e jornalistas evidencia a interdisciplinaridade como uma característica presente nas Ciências da Informação e da Comunicação. Esta interdisciplinaridade deriva da interseção dos campos científicos no mesmo objecto de estudo: a informação. Os papéis do profissional da informação e da comunicação, apesar de distintos, partilham a necessidade de manter os seus leitores informados. É neste contexto que o desenvolvimento de sinergias em trabalho colaborativo se constitui como um desafio emergente da sociedade da informação, no que a estes profissionais diz respeito.

Bibliotecários e jornalistas confluem efectivamente na produção de informação. O seu universo profissional é distinto, e o canal utilizado para veicular a informação é igualmente diferente. O bibliotecário deve assumir a figura de um gestor de informação capaz de providenciar e colmatar todas as solicitações ao nível da informação. O jornalista enquanto descodificador de mensagens com conteúdo jornalístico direccionado a um público-alvo necessita de pleno e rápido acesso a todo o tipo de fontes de informação.

Neste contexto e tendo como base a análise de resultados identificam-se algumas hipóteses que merecem ampla reflexão. O trabalho colaborativo é efectivamente um mecanismo que permite uma maior agilidade no desenvolvimento das actividades relacionadas com a informação e a comunicação. Explorar a competência comunicacional, a par da competência informacional, poderá ser uma mais-valia para a afirmação plena dos bibliotecários na sociedade da informação. A necessidade de o jornalista possuir competências na área da biblioteconomia é matéria igualmente relevante. A velocidade, a

rapidez com que se exige a produção de trabalho jornalístico promove uma certa relação de dependência relativamente aos bibliotecários.

Considera-se que a promoção de um intercâmbio de saberes fomentado ao nível da aprendizagem de áreas como a organização, recuperação da informação, e desenvolvimento de capacidades de comunicação poderá unir estes dois profissionais em plataformas de trabalho colaborativo, o que já acontece a nível internacional. Assim o jornalista poderá ser intermediário entre o bibliotecário e o leitor? O bibliotecário como profissional da informação poderá ser ao mesmo tempo um jornalista?

Às bibliotecas, como espaço de excelência na área da informação colocam-se novos desafios que já não se prendem apenas na ligação entre o livro e o leitor, mas sim com o desenvolvimento de políticas de desenvolvimento das coleções e serviços de referência ao serviço de públicos e instituições diferenciadas. O desenvolvimento e fomento de plataformas de trabalho colaborativo poderão constituir-se como uma oportunidade de relançamento do papel das bibliotecas na sociedade da informação. Seminários, conferências, e outros eventos similares poderão certamente potenciar a aproximação de bibliotecários e jornalistas.

Bibliografia

- ALA (2009) – *ALA's core competences of librarianship* [Em linha]. 2009. [Consult. 11.11.2013]. Disponível em <http://www.ala.org/educationcareers/sites/ala.org.educationcareers/files/content/careers/corecomp/corecompetences/finalcorecompstat09.pdf>
- BARANDA DEL CAMPO, Cristina (2012) – La barrera entre el periodista y el documentalista [Em linha]. *Documentación de las Ciencias de la Información*. Vol. 35, (2012) p. 101–117. [Consult. 11.11.2013]. Disponível em http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&src=s&frm=1&source=web&cd=2&ved=0CDkQFjAB&url=http%3A%2F%2Frevistas.ucm.es%2Findex.php%2FDCIN%2Farticle%2Fdownload%2F40448%2F38798&ei=236YUtDbPSS7AaKxYDIAw&usq=AFQjCNFO1aFfl9_Ej6iKYjzqJhEw9EFUSA&sig2=OF8Z2f3AyyFETPXJeUZqEw&bvm=bv.57155469,d.Yms&cad=rjt
- BARBARA, Jones (2011) – Is the line between librarianship and journalism blurring? [Em linha]. *American libraries*. [Consult. 11.11.2013]. Disponível em <http://www.americanlibrariesmagazine.org/article/line-between-librarianship-and-journalism-blurring>
- BATES, Marcia (1999) – The Invisible Substrate of Information Science [Em linha]. *Journal of the American Society for Information Science*. Vol. 50, nº 12 (1999), pp. 1043–1050 [Consult. 11.11.2013]. Disponível em <http://pages.gseis.ucla.edu/faculty/bates/substrate.html>
- BAZI, Rogério (2007) – Produção da informação nos campos da Ciência da Informação e comunicação jornalística: possíveis interfaces [Em linha]. *Intexto*, Porto Alegre:

- UFRGS, v. 1, n. 18, p. 1-14, janeiro/maio 2007. [Consult. 11.11.2013]. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/6733/4035>
- BEYOND BOOKS (2011) – *WEBINAR: Strategic partnerships for librarians and* [Em linha]. 2011. [Consult. 11.11.2013]. Disponível em <http://journalismthatmatters.org/biblionews/>
- BORKO, Harold (1968). – Information Science: What is it? *American Documentation*. Vol. 19, N.º 1 (1968), p. 3-5
- COMISSÃO DA CARTEIRA PROFISSIONAL DE JORNALISTA (2002) – *Estatuto do Jornalista. Lei n.º 1/99 de 13 de Janeiro* [Em linha]. 2002. [Consult. 11.11.2013]. Disponível em <http://www.ccpj.pt/legisdata/LgLei1de99de13deJaneiro.htm>
- IFLA/UNESCO (1994) – MANIFESTO DA IFLA/UNESCO SOBRE BIBLIOTECAS PÚBLICAS 1994 [Em linha]. *Public Library Manifesto 1994*. Versão Portuguesa. [Consult. 11.11.2013]. Disponível em <http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>
- MCLUHAN, Marshall (1971) – *The Gutenberg Galaxy: The making of typographic man*. London: Routledge & Kegan Paul, 1971
- MICÓ-SANZ, Josep-Lluís, MASIP-MASIP, Pere, GARCÍA-AVILÉS, José-Alberto (2005) – *Periodistas que ejercen de documentalistas (¿y viceversa?). Nuevas relaciones entre la redacción y el archivo tras la digitalización de los medios* [Em linha]. Consult.11.11.2013]. Disponível em http://eprints.rclis.org/13756/1/Masip_EPI.pdf
- PARTAL, Vicent (2002) – Periodistas y documentalistas: ¿dónde está la frontera? [Em linha]. *Conferencia inaugural de los Estudios de Información y Documentación de la UOC*. Barcelona, (2002). [Consult. 11.11.2013]. Disponível em <http://www.uoc.edu/web/esp/art/uoc/partal0402/partal0402.html>
- POMBO, Olga (1994) – *McLuhan. A Escola e os Media* [Em linha]. Lisboa: Departamento de Educação da Faculdade de Ciências de Lisboa, 1994. [Consult. 11.11.2013]. O meio é a mensagem. Disponível em http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/images/hfe/cadernos/mcluhan/estudo_mcl_olga.pdf
- SARACEVIC, Tefko (1995) – A natureza interdisciplinar da ciência da informação [Em linha]. *Ciência da Informação* – Vol. 24, N.º 1. [Consult. 11.12.2013] Disponível em <http://17.revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/.../482%E2%80%8E>
- SILVA, Armando B. Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda (2002) – *Das "ciências" documentais à ciência da informação : Ensaio epistemológico para um novo modelo curricular*. Porto: Afrontamento.

Notas

¹ Journalism That Matters symposium

² WERSIG, Gernot – Information Science: the study of postmodern knowledge usage. Information Processing and Management. Oxford. ISSN 0306-4573. vol.29: Nº2 (1993) p.229-239;

³ COMISSÃO DA CARTEIRA PROFISSIONAL DE JORNALISTA – Estatuto do Jornalista. Lei n.º 1/99 de 13 de Janeiro [Em linha]. 2002. [Consult. 11.11.2013]. Disponível em <http://www.ccpj.pt/legisdata/LgLei1de99de13deJaneiro.htm>;

⁴ Saracevic (1995) na sua definição para a Ciência da Informação, suportada pelo incremento das tecnologias da informação, separa a Biblioteconomia da Ciência da Informação, na medida em que coloca a biblioteconomia numa vertente puramente tradicional, historicista, dedicada sobretudo à guarda de livros (biblioteca tradicional);

⁵ Bazi (2007) coloca as duas ciências num campo de partilha e interação, uma vez que ambas têm em comum o mesmo objecto: a informação;

⁶ Bates (1999) coloca a Informação num campo universal onde toda a informação é registada e a comunicação num contexto adstrito à produção de conteúdos jornalísticos. A autora na identificação do paradigma “*above the water line*” na definição de um campo metacientífico para a informação e comunicação remete para a possibilidade de um campo *transdisciplinar*.

Apêndice

Guião de Entrevista – Bibliotecários

1. No exercício da sua actividade profissional como bibliotecário, como avalia a procura de informação por parte dos profissionais da comunicação junto das bibliotecas, uma vez que a informação se encontra “à distância de um clique”, ou seja na Internet?
2. Em que medida julga importante o trabalho do bibliotecário na disponibilização de informação aos jornalistas?
3. Com a entrada na *Era Digital* ou na *Sociedade da Informação*, as profissões tanto de jornalistas como de bibliotecários sofreram mudanças significativas. De que forma lhe parece que esta conjuntura pode promover a aproximação de ambos os campos profissionais? Ou considera existir uma separação inequívoca?
4. Considera que poderia ser benéfico, por exemplo no seio das organizações profissionais, haver grupos de trabalho compostos por jornalistas e bibliotecários com o objectivo de melhorar a sua colaboração/interatividade, à semelhança do que acontece nos Estados Unidos da América?

Guião de Entrevista – Jornalistas

1. Por que razão se desloca se for o caso, a bibliotecas públicas, quando impera a ideia generalizada de que a informação se encontra “à distância de um clique”, ou seja na Internet?
2. Recorre ao auxílio dos bibliotecários? Em que medida beneficia desse auxílio?
3. Alguma vez, por intervenção do bibliotecário, trocou uma referência bibliográfica por outra, que se revelou mais útil para a sua investigação? Alguma vez, também por indicação do bibliotecário, mudou o ângulo ou o enfoque do seu trabalho?
4. Com a entrada na *Era Digital* ou na *Sociedade da Informação*, as profissões tanto de jornalistas como de bibliotecários sofreram mudanças significativas. De que forma lhe parece que esta conjuntura pode promover a aproximação de ambos os campos profissionais? Ou considera existir uma separação inequívoca?
5. Considera que poderia ser benéfico, por exemplo no seio das organizações profissionais, haver grupos de trabalho compostos de jornalistas e bibliotecários com o objectivo de melhorar a sua colaboração/interatividade, à semelhança do que acontece nos Estados Unidos da América?